

L · E · T · U · R · A · S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 06 Brasília, 08 de junho de 1963

Lei Orgânica do Distrito Federal

CÂMARA LEGISLATIVA

*A lei
do povo*

Lei Orgânica do Distrito Federal

Lei Orgânica do Distrito Federal

*Autonomia nasce
com JK*

Pag. 3

Sotaque brasiliense

Evidências de um falar regional

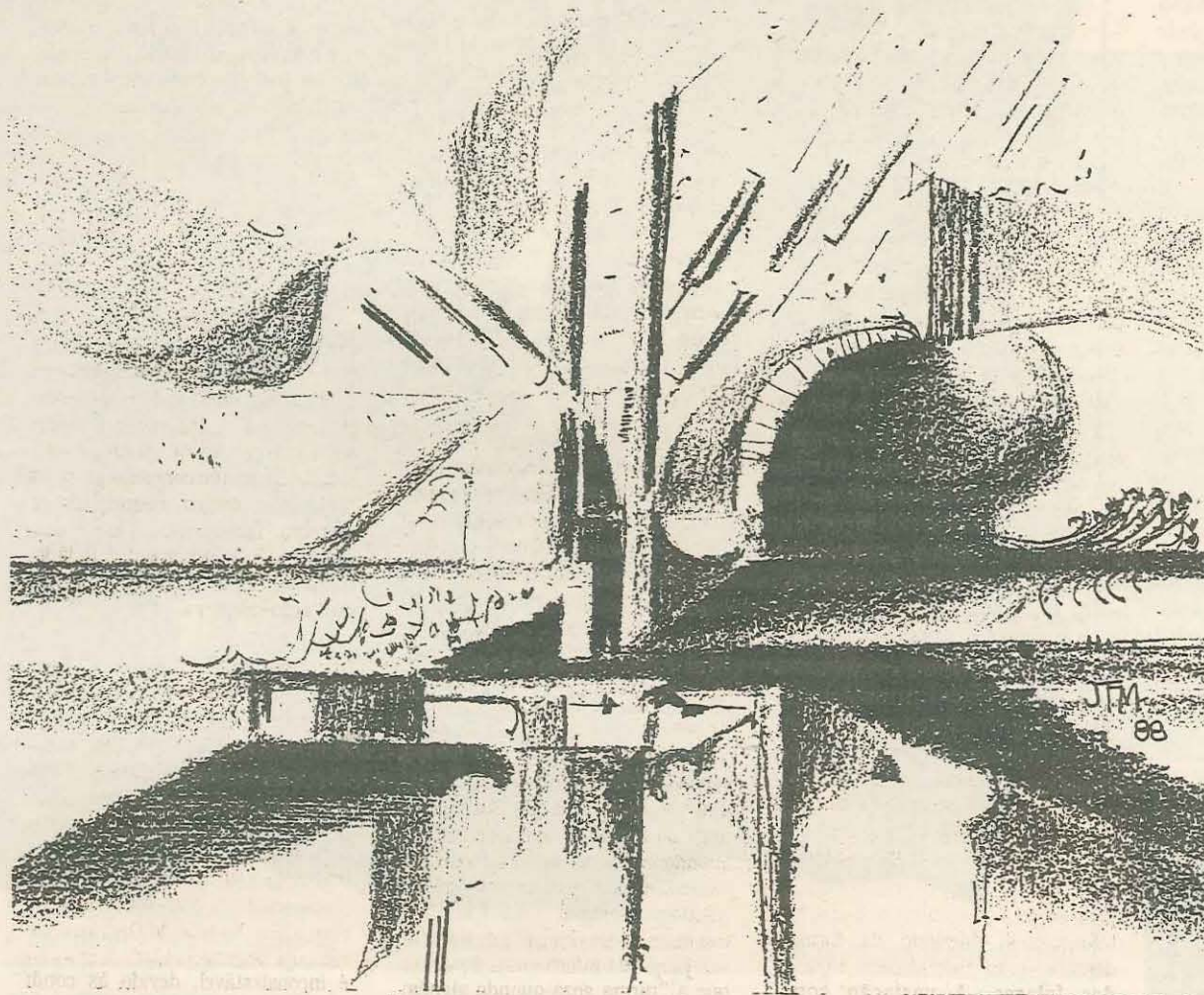
Magda Maria de Freitas Querino

Fruto de nossa experiência pessoal, a convivência com o adolescente do Distrito Federal em sala de aula fez surgir o tema deste estudo. Originou-se da observação de que embora oriundos das mais diversas regiões do Brasil, dificilmente se notavam, entre os alunos das classes sociais mais humildes, diferenças de pronúncia acentuadas que pudessem, à primeira vista, identificá-los a região de origem. Conquanto entre os adultos, após alguns minutos de conversação, podíamos, com grande margem de acerto, identificar-lhes a procedência, o mesmo não ocorria em relação aos jovens.

Outra observação que pudemos fazer durante essa convivência foi que inconscientemente, como é natural, o sentimento linguístico, principalmente o da unificação era patente, manifestando-se através de risos e comentários jocosos cada vez que um colega "falava diferente". Em conversas informais com os alunos procuramos sondar-lhes o comportamento linguístico, desde a infância até a adolescência, e obtivemos respostas que coincidiam em sua maioria: quando crianças falavam com os pais, em casa e na escola, mas à medida que cresciam evitam se expressar daquela maneira, principalmente na escola, com os colegas, pois eram alvo de brincadeiras e risos.

Resolvemos, pois, partir para um estudo do problema, para a comprovação, através de pesquisa, dialetológica, de campo e bibliográfica, se a linguagem do Distrito Federal, região ainda jovem, tendia para uma normalização.

O Distrito Federal compõe-se de uma população com características próprias e especiais, constituída toda ela de migrantes oriundos dos mais diversos pontos do país; aqui convivem nordestinos, mineiros, noristas, cariocas, paulistas, gaúchos (sem levar em consideração os estrangeiros que integram essa população), toda uma gama diversificada de seres humanos, com seus usos e costumes



Os estudantes assumem, fora de casa, uma linguagem sem regionalismos

próprios. Com sua linguagem característica e hábitos fonéticos diferentes, a população do Distrito Federal, principalmente a de renda mais baixa, tem um objetivo comum: melhores condições de vida e trabalho.

A autêntica população, a geração aqui nascida, responsável pelo futuro e criação de raízes na terra, é quem influi na busca de um direcionamento linguístico específico, de uma normalização que possibilitará, no futuro, uma padronização linguística própria, já que a população adulta, com seus hábitos fonéticos arraigados, dificilmente poderá orientar esta padronização, embora possa aceitar e adotar algumas das modificações linguísticas. Ao integrar conscientemente uma sociedade (escola), o adolescente do Distrito Federal

procura homogeneizar sua pronúncia, abandonando características fonéticas regionais, usadas durante a infância no ambiente familiar, voltando-se para uma direção específica. O que motiva essa homogeneização é o sentimento de unificação linguística, que atua instintivamente buscando a intercompreensão.

Sabe-se que a pesquisa linguística, com objetivo de estudar e conhecer detalhadamente a língua usada em determinada região, centro urbano ou rural, é trabalho para anos de pesquisa, para uma equipe de pesquisadores, com treinamento de anos e completa aparelhagem eletrônica, como as que se encontram em Laboratórios Fonéticos, com os quais, infelizmente não podemos contar. Devemos mencionar, ainda, a necessidade de

um grande número de informantes pertencentes a várias classes sociais, além de muitas horas de gravações. Essas condições ideais, entretanto, não nos foi possível tê-las.

Trabalhamos aqui por amostragem. Os informantes são alunos de 7ª e 8ª séries do primeiro grau e do 1º ano do segundo grau, pertencentes a um nível sócio-econômico caracterizado como médio-baixo e baixo. A modalidade de linguagem estudada é a coloquial descuidada, no seu aspecto fonético.

A população investigada, a de renda mais baixa, composta na sua maioria por migrantes espontâneos, e amostrada na análise citada, é originária de três grandes regiões do país: Nordeste (54%), Sudeste (33%) e Centro-Oeste (11%).

Imaturidade lingüística da região

As conclusões que apresentamos a seguir não devem ser consideradas como definitivas, nem devem ser generalizadas para todo o Distrito Federal, devido à imaturidade lingüística da região (menos de vinte anos de existência à época) e à nossa impossibilidade de estender a pesquisa a todas as cidades-satélites e ao Plano Piloto que compõem o complexo político-administrativo denominado Distrito Federal.

Acrescentamos que o caráter monográfico de nossa dissertação impede-nos uma pesquisa mais ampla, uma análise da língua do Distrito Federal como um todo, em seus vários níveis, além do fonético, o fonológico, morfológico, sintático e semântico; ou seja, partir da fala dos informantes para, em seguida, determinar a estrutura da língua, o que só poderá ser realizado no futuro.

Esclarecemos que o nosso objetivo foi apenas descrever os fenômenos fonéticos observados, procurando encontrar nas realizações dos informantes aspectos comuns que pudessem ser considerados **convergentes** ou **divergentes** dos aspectos dialetais, além de convergentes entre os informantes, na nossa busca de tendências normalizantes na pronúncia do Distrito Federal (Gamma). Não nos preocupamos, portanto, em interpretar os fatos, nem em aplicar regras que pudessem explicar condicionamentos que propiciem ou impeçam a realização dos mesmos, o que, no entanto, pode ser considerado assunto para futuras investigações que possamos realizar em relação à linguagem do Distrito Federal. Informamos ainda, que o nosso estudo visou encontrar tendências normalizantes, a ação da norma procurando nivelar os hábitos fonéticos da população estudada, e não uma normalização já implantada, uma norma lingüística padrão vigente no Distrito Federal.

Aspectos Divergentes

Os aspectos divergentes entre os dialetos dos pais e os dados analisados dos adolescentes demonstraram ser bem mais numerosos do que os convergentes. Muitos dos aspectos apontados como característicos da fala popular de todo o Brasil foram encontrados entre os nossos informantes, porém em número inferior diante de realizações consideradas "corretas" pela norma padrão, como por exemplo: ausência de fonema em variação com o /s/ e /h/ finais e com o /l/. Em outros termos, mais brasilienses dizem "estudos" do que os que engolem o S. Mais dizem "falar" do que "falá". Mais dizem "Faculdade" do que "Facudade".

Aspectos Convergentes na Fala dos Adolescentes

Pela descrição e transcrição fonética dos dados obtidos aos informantes, relativos à fala do Distrito Federal (Gama), podemos perceber que várias são as realizações fonéticas convergentes entre os informantes.

Dentre os indicadores fonéticos selecionados para o estudo comparativo com a fala dos adolescentes, alguns deles demonstraram ser realização comum a todos os informantes, independente de ser o indicador característico da região lingüística de procedência da família.

Assim, passamos à consideração desses aspectos que se fizeram presentes na fala de nossos informantes e que se mostraram como o resultado da ação da norma lingüística, nivelando os hábitos fonéticos, procurando a unificação, um padrão lingüístico necessário a toda comunidade de falantes. Entre outros.

A vocalização do // em /w/ que apesar de variar com [ausência de fonema], apresentou-se como realização fonética mais acentuada, já que quase todos preferiram-na. Assim a palavra "legal" pronunciando-se como "legau" e "faculdade" como "facudade".

Aspecto dos mais surpreendentes foi a ocorrência do /s/ morfema de plural, que embora em variação livre com a [ausência de fonema] apresentou uma realização bastante significativa entre os informantes, uma vez que a realização considerada "normal" em todo o Brasil é a sua ausência. É o caso das palavras "matérias" e "irmãos" que em Brasília pronunciam-se com todos os esses, ao contrário da "nomasidade" popular brasileira.

Outra surpresa com a qual depuramos foi a ocorrência do "r" final em nomes e em infinitivos verbais, ocorrência ainda vacilante, já que a variação com [ausência de fonema] foi também significativa, mas, enquanto alguns informantes o realizassem em menor número de vezes,

nenhum deles deixou de realizá-lo uma vez pelo menos. É o exemplo de "amor" e "fazer", pronunciados com todos os "r" e não "Amô" e "fazê".

A neutralização das vogais finais ou seguidas de /s/, [e], [i], [o], [u], foi fenômeno geral constatado em todos os informantes, o mesmo não se podendo dizer das vogais pretônicas, cuja neutralização foi rara, o que no entanto contraria a descrição de muitos dos falares regionais. Aqui fala-se "Isforço" e "jogadoris".

A redução dos ditongos [ey] e [ow] foi ocorrência comum a quase todos os informantes, independente de sua procedência. Houve também variação com a sua realização plena, porém, insignificante. Em Brasília diz-se "Volebol" e não "Voleibol". Diz-se "Caserio" e não "Caseiro". Fala-se "vô" em lugar de "vou". Diz-se "otro" em vez de "outro".

A assimilação progressiva: [nd] → [n] foi outro aspecto anotado como comum a quase todos os informantes embora ocorresse variação com a forma não assimilada, porém pouco expressiva. É muito comum ouvir-se aqui "istudanu" e "falano" em vez de "estudando" e "falando".

A realização do [l] (i aberto) átono inicial seguido de /s/ e /z/ com os quais forma sílaba foi realização comum a todos os informantes, que nessa posição não realizaram a neutralização descrita para vários falares, mas apresentaram o alofone [l] de timbre intermediário entre /e/ e /i/. Diz-se "Isforço" e "istudanti".

A desnasalização final foi fenômeno de ocorrência geral. Ainda que as palavras com esse condicionamento fonético — nasalização final — fossem poucas, sempre se realizaram desnasalizadas. Exemplos: **ômi** por homem, **linguaze** por linguagem.

A realização da nasal alveo-palatal /n/ como [ɲ] demonstrou-se também ocorrência comum a todos os informantes, diferindo da forma descrita como dialetal para alguns dos falares. A variação com [ausência de fonema] foi percebida,

porém em número pouco significativo. Aqui fala-se "tein-nhu" por "tenho", "Sobradin-nhu" por "Sobradinho". "Engeero" por "Engenheiro".

A realização plena da lateral alveo-palatal /h/ pela maioria dos informantes mostrou-se aspecto surpreendente, uma vez que casos de despalatalização e iotização foram realizações individuais e isoladas, ao contrário das descrições dialetais que consideram-na regra geral nos falares de todo o Brasil. O aspecto contrário, palatalização da lateral alveolar // seguida de /y/ não foi anotada entre os informantes. Palavras como "filho" e "escolha" não viraram "filio" e "Escolia" como em outras regiões do país. E Brasília não virou "Brasilha". É nitidamente Brasileira!

Como podemos observar, os aspectos fonéticos convergentes encontrados na fala dos informantes foram mais significativos do que os aspectos convergentes entre a fala e os dialetos de origem, o que apóia a aceitação da nossa hipótese: os adolescentes do Distrito Federal abandonam hábitos fonéticos regionais usados durante a infância e no ambiente familiar e assimilam os hábitos da comunidade a que passam a pertencer, no caso, a escola.

Os dados encontrados concordam ainda com o depoimento dos próprios alunos quando, ao responder o questionário, declararam usar linguagem diferente em casa e na escola. Eis o resultado obtido para a questão: usam a mesma linguagem dos pais (regionalismos): sim, em casa, 12; não, em casa, 19; sim, na escola 7; não, na escola 24.

O resultado obtido para a questão e a análise dos dados permitem-nos observar que nossos informantes fazem uso do conceito de "code Shifting" ou seja a mudança de código, quando a ocasião se faz necessária. As respostas nos mostram que há reação por parte da turma (estudantes) quando um colega "fala diferente", já que 21 informantes disseram que a "turma goza quando alguém fala diferente".

Intuição é determinante

A análise comparativa dos dialetos e dos dados obtidos permite-nos as seguintes conclusões: há tendências normalizantes na pronúncia do Distrito Federal, encontradas na cidade-satélite do Gama, onde realizamos nossa pesquisa. Essas tendências normalizantes poderão não ser as mesmas em todo o Distrito Federal, embora tenhamos analisado antes o processo migratório e estabelecido quais as regiões responsáveis pelo maior fluxo migratório, numa tentativa de considerar o estudo válido para o Distrito Federal. Sugerimos a outros estudiosos, interessados em assuntos dialetológicos, que realizem pesquisas em outras regiões do Distrito Federal para posterior confronto das conclusões.

Nossos informantes, uma amostra da população permanente do Distrito Federal, possuem uma intuição lingüística que lhes permite reconhecer a heterogeneidade lingüística existente na região e são capazes de realizar em casa uma linguagem e na escola, outra comunidade lingüística, uma linguagem comum aos membros dessa mesma comunidade. De acordo com suas próprias declarações reagem quando algum membro "fala diferente", isto é, desto da realização comum, fato já indicado como sentimento lingüístico ou reação subjetiva.

A variabilidade lingüística observada nos informantes é um indicador de que estes buscam inconscientemente a normalização. Para os sociolingüistas a variabilidade é inerente ao sistema lingüístico e decorre do fato de servir a língua como meio de comunicação a pessoas pertencentes a diversas classes sociais, profissionais, a grupos étnicos diferentes, etc. No caso do Distrito Federal, cuja heterogeneidade lingüística é incontestável, devido às condições migracionais da região a varia-

ção livre, realizada pelos mesmos informantes, nos mostra que estes procuram nivelar seus hábitos fonéticos e tendem, pois à normalização, embora procurem ainda um padrão lingüístico.

Apontar o direcionamento das tendências normalizantes mostrou-se impraticável, uma vez que depreendemos da análise dos dados uma amálgama lingüística para a qual contribuíram, num mínimo que fosse, todos os falares em geral. Porém, o que mais se mostrou digno de atenção foi o alto grau de influência da norma culta padrão, algo que não esperávamos por ter justamente coletado os dados entre a população de baixa renda. Mas o fato não deve ser considerado insólito, uma vez que nossos informantes possuem um bom nível de escolaridade se pensarmos em termos de Brasil como um todo, onde grande parte da população não tem acesso às escolas. Não podemos negar que o Distrito Federal, nesse setor, pode ser considerado uma região privilegiada no Brasil. Não só o Plano Piloto como as cidades-satélites são bem servidas de escolas públicas que oferecem desde a educação pré-primária até o segundo grau. É portanto compreensível que a população jovem apresente em sua fala a influência da norma culta padrão. Não devemos nos esquecer ainda da influência dos meios de comunicação de massa, como o rádio e principalmente a televisão, cuja ação niveladora dos hábitos lingüísticos é reconhecida por todos e que faz parte da vivência diária de nossos informantes.

Nota do Editor: Para melhor compreensão dos leitores, substituímos diversas notações próprias à lingüística clássica por termos mais comuns, conquanto mais inexatos. Agradecemos à autora pela paciência com que nos atendeu.

* A profª Magda Maria de Freitas Querino é assessora do Dep. de Pedagogia da FEDE. O presente artigo é constituído de excertos da sua Tese de Mestrado, "Tendências Normalizantes da Pronúncia no Distrito Federal" — UNB, 1979. Endereço para correspondência: SGAN 607, Projeto D, sala 106 — Brasília, DF.

Lei Orgânica: atuação parlamentar



Pedro Celso
PT

É desnecessário afirmar a importância da Lei Orgânica para o Distrito Federal. Basta lembrarmos que ela é, para nós, uma verdadeira norma constitucional. Assim, são de grande importância todos os seus dispositivos. Procuramos privilegiar, na Lei Orgânica, a democratização da participação popular na elaboração das leis; nas decisões governamentais e na fiscalização dos atos dos admi-

nistradores.

Tivemos, também, especial atenção para o capítulo dos transportes coletivos, notadamente visando proteger os direitos dos usuários e dos trabalhadores do setor, os dois elos mais fracos nesta corrente.

Embora não contássemos com a maioria de votos, que nos pudesse garantir maiores avanços sociais, políticos e econômicos, entendendo que a nossa Lei Orgânica contém muitas e significativas conquistas em relação às leis orgânicas dos grandes municípios brasileiros.

Por fim, a Lei Orgânica que, de certa forma, representa a autonomia do DF em relação ao Governo Federal, deve ser, agora, amplamente divulgada para toda a sociedade.



Peniel Pacheco
PTB

Eleito um dos relatores da Lei Orgânica, o deputado Peniel Pacheco foi responsável pela Comissão Temática, que elaborou os três primeiros títulos da lei maior da capital do País, que englobam a organização dos poderes e do Distrito Federal.

Estes títulos são de fundamental importância por serem a base jurídica da lei que a partir de agora regerá a vida dos cidadãos

brasilienses.

A participação do deputado Peniel não se restringiu a estes três títulos. Entre as muitas proposições que ele apresentou e que foram inseridas na Lei Orgânica, ressaltam-se os seguintes dispositivos:

a) dar prioridade às entidades filantrópicas de atendimento a menores carentes, deficientes físicos e idosos na aquisição de terrenos para suas instalações; b) delegar ao Poder Executivo, elaboração do projeto de lei que garante aos profissionais que trabalham com ensino especial, uma gratificação entre 12 por cento e 25 por cento do seu salário.

Peniel Pacheco acredita que, com a promulgação da Lei Orgânica, ficam consolidados os direitos de cidadania da população do Distrito Federal, que embora convivendo lado a lado com o Poder da República, estranhamente, estava alijada do processo de participação da vida política. "Com a Lei Orgânica, Brasília consolida suas prerrogativas de União Federativa".

Um conto de Antonio José de Moura

INÉDITO

O homem chegou perguntando por um tal Anterino. Dissemos que não sabíamos, mas o homem não se conformava.

— Quero saber onde está o Anterino.

— Que Anterino, meu? Aqui não mora nenhum Anterino.

— O Anterino, um que tem olho de vidro. Mora nessa rua — o homem insistiu.

— Nessa rua, não — alguém protestou.

— Nessa rua, sim — o homem disse, limpando a boca com as costas da mão.

— Aqui não mora nem Anterino nem João Quirino —

outro dos nossos falou. — Conheço todo mundo e posso garantir pro senhor que não tem nenhum Anterino na rua.

— Fazendo gracinha, é? Se eu disse que mora, é porque mora; tão querendo acoitar? — o forasteiro gritou; e bateu o copo de dose no balcão.

Fregueses distanciados assustaram-se e dois que antes discutiam futebol quiseram ir embora.

— Não vai sair ninguém, sem minha ordem — disse o homem, sacando ao mesmo tempo dois revólveres. — Fechem as portas.

Avaliei a situação, sem no entanto encarar o homem que procurava Anterino. Olhava-o de banda, e quando sentia seus olhos quei-

mando no meu rosto, disfarçava com o pé, de um jeito bobo, esfregando qualquer coisa invisível no chão. Mas quando o homem olhava para o outro lado, examinava-o com um rabo de olho. Não conheço hipnotizadores, mas penso que o homem era um deles. E os dois revólveres em suas mãos também brilhavam.

— Fila indiana. Agora, contra a parede! — o homem ordenou, os dedos ágeis brincando com as armas, como se fora caubói.

Obedecemos maquinalmente e houve quem exagerasse, ajoelhando-se com as mãos na nuca, o que parece tê-lo irritado ainda mais.

— Não sei o que faço que não acabo logo com vocês — ganiu, acertando uma cus-

parada na eletrola.

Deu um tempo e voltou a lembrar-se do Anterino.

— Vão ou não vão dizer onde está o jovem? — gritou, colocando com o polegar um dos revólveres no descanso e apontando-o em nossa direção.

Um silêncio de casa sem ninguém.

O forasteiro tirou o dedo do gatilho e depositou a arma no balcão.

Sacou a latinha do bolso e conversou em código.

— Câmbio! — Concluiu.

Cinco minutos depois, homens armados de escopeta punham as portas no chão. Varejaram tudo. Nem mesmo uma agulha teria escapado à revista.

— Concluída com êxito, Grande Chefe, a Operação Viver-em-Ordem! — o homem soprou na latinha.

— Câmbio!

E, virando-se, advertiu que se alguém ali abrisse o bico para dizer que eles andaram atrás do Anterino, iria parar no poço.

Conhecíamos de ouvir dizer e de causar arrepios — o que era o poço.

— Ou então será esfolado — avisou, antes de ir-se com os outros, lembrando que o que acabavam de fazer era coisa banal, sem importância: mero exercício de rotina para manter os rapazes em forma.

Antonio José de Moura consagrou-se nacionalmente com seus dois últimos Romances, "Notícias da Terra" e "Sere Léguas de Paraíso". Neste texto especial para o DF-LETRAS, Moura excursiona pelo difícil espaço do conto suburbano, com o sucesso de sempre.

Princesa e Bruxa

Era uma vez uma princesa...

Ela saltou da cama já pegando o telefone a fim de ligar para seu cabeleireiro e marcar uma hora em seu castelo. Sem maquiagem, cabelos desganhados, olhos inchados, pele amarrotada, tentou em vão conseguir uma linha de seu próprio quarto, mas notou que estava ocupada.

Eram 13 horas, mas ela nada falou, pois afinal, era casada com um príncipe e tinha por obrigação manter o seu papel...

Foi ao banheiro, lavou o rosto, escovou os dentes e fez xixi — as princesas também fazem xixi — e para isso, levou aproximadamente trinta minutos. O cabelo não adiantava pentear, pois com o laquê da última noite, estavam duros e seria arriscado demais quebrar o pente. Fato que a deixou mal humorada, pois parecia uma plebéia e ela detestava olhar seu rosto verdadeiro no espelho.

Pegou de novo o telefone. Ocupado

E de novo. Ocupado.

Era o início da transfor-



mação...

Ainda sob o efeito terrível do espelho sobre suas cortês educação, ela desceu as escadarias do palácio com seus saltos altos em seu robbie de seda, com o eminente perigo de esborrachar-se no chão. Arrancou os sapatos, que voaram pelos ares. Desceu mais um

degrau. Pisou na renda que ficava na bainha de seu lindo robbie, rasgando-a.

Gritou por todos os seus empregados: babás, jardineiros, copeiras, cozinheiras, mordomos, motoristas. Os que chegavam ficaram em posição de sentido, assustados não se sabe se com sua ira ou com aquele rosto

desganhado, moldado por aqueles cabelos de fogo espetados.

Começou o discurso inflamado de autoridade, andando pela casa como louca, sendo seguida por sua assustada legião de servidores.

Não se sabia se o "filme representado" era de humor

ou terror. À esta altura a metamorfose já havia se completado, desatenta a qualquer padrão de bons modos ou educação de princesas.

A bruxa ia espalhando o terror pela casa, berrando, gritando. A cada aposento alcançado iam-se ouvindo batidas de portas, vasos espantados, quadros e cortinas despencados. Ouve-se um uivo aqui, barulhos de vidros ali. Convidados espiam de longe, discretamente, nota-se vê-los boquiabertos.

Suas filhinhas choram com medo de que alguma das histórias de bruxa tenha saído dos livros e tomado vida.

De repente, aparece o maridinho e lhe diz algo ao ouvido. Subitamente a bruxa se acalma. Suada e ofegante, dá-lhe um beijo e sobe as escadas cantarolando uma de suas canções de princesas.

Sob os olhares de uma atônita platéia, o maridinho ordena:

— Instalem uma linha telefônica em cada cômodo dessa casa!

Houve um belo domingo naquele dia.

E foram felizes para sempre...